



A LENDA DO FLAMBOYANT

Clara Cristina Carrijo de Jesus¹

Maria Eduarda Rodrigues Roldão¹

Eli-Sônia da Silva Soares¹

Geovanna Sousa Gouvea¹

Luma Sousa Malaquias¹

Quem passa pela faculdade e vê aquele flamboyant enorme no pátio, talvez pense que ele sempre esteve ali. Mas os mais antigos dizem que aquela árvore guarda uma história terrível.

Há muitos anos, quando naquele lugar ainda funcionava uma pequena escola, cravada no meio do pasto, existia uma professora muito temida pelas crianças. Conta-se que ela era muito brava e acreditava que aluno só aprendia com disciplina dura. Sempre andava com uma grande régua de madeira na mão, que usava como palmatória quando alguém errava ou fazia bagunça.

Os mais antigos revelaram que a professora durona nem sempre foi assim. Em seu tempo de escola os castigos eram comuns como forma de ensino. Disciplina rígida, onde os alunos não questionavam, apenas faziam. Além da palmatória, ainda havia o chapéu cone da vergonha que era colocado sobre aqueles que não liam e nem sabiam a tabuada.

Em uma sabatina de leitura, essa professora passou por um momento assim. Não consegui ler do texto a palavra dromedário, e isso foi motivo para levar em sua mão uma reguada que doeu por muitos dias.

Quando se tornou professora, em seu juramento havia prometido nunca fazer isso com seus alunos, que iria de alguma forma, usar outros meios. No entanto, as regras escolares também eram rígidas, e o supervisor observou que os alunos delas nunca recebiam castigos e isso incomodou muito, pois a disciplina daquele lugar dependia disso.

Então foi chamada a sala do supervisor e intimada, ou seguia as normas, ou seria mandada embora. O fato, que nunca saberemos se é verdade ou mentira, mas que essa professora se tornou o símbolo do castigo dessa escola.

Um dia, ao entrar na sala, ela bateu a régua na mesa e disse:

— Silêncio! Aqui é lugar de aprender, não de brincadeira! O barulho da régua batendo já era suficiente para deixar toda a sala em silêncio.

¹ Centro Universitário de Mineiros.



As crianças tinham medo dela. Muitas vezes, depois da aula, iam para o pátio e se sentavam embaixo de uma árvore e conversando baixinho.

— Eu fico com medo quando ela levanta a régua — disse Pedrinho.

— Eu também — respondeu Aninha.

— Parece que aprender dói. Ou a gente lê e faz contas ou tudo vira dor! Não deveria ser assim!

Outro aluno suspirou e falou:

— Queria que a escola fosse diferente... que a gente pudesse aprender sem medo. Sem régua.

Retornando do recreio, mais uma vez a régua bateu na mesa avisando que era hora de aprender. Conta-se que nesse dia uma das régua da professora quebrou durante a aula.

— Ora, vejam só! — reclamou a professora. Como farei agora! Bagunça! Ela continuou.

— Até a régua não aguenta mais essa bagunça e conversa.

Indignada colocou no cesto de lixo os pedaços de sua régua.

Quando a aula terminou, uma das crianças, o Tobias, pegou aquele pedaço de madeira. E como um troféu chamou a turma e disse o que iria fazer com aquilo.

— Vamos enterrar isso — disse ele baixinho.

— Enterrar? — perguntou Aninha.

— Sim. Assim ela não machuca mais ninguém. Porque toda vez que ela pegar outra régua, essa também quebrará. Vocês não sabiam que essa terra é mágica?

-Não! Responderam todos em uma só voz.

- Sim, é e vamos acabar com toda essa maldade aqui da nossa escola.

Então, escondidos, cavaram um pequeno buraco no chão do pátio e colocaram ali o pedaço da régua. Dizem que, junto com a régua, caíram também algumas lágrimas das crianças.

O tempo passou. A escola mudou, novos prédios foram construídos e muita gente já nem se lembrava da antiga professora.

Mas bem naquele ponto do pátio começou a nascer uma árvore. Ninguém sabia de qual espécie seria, mas dia após dia ela ficava maior.

Tempos depois, um daqueles garotos foi com o filho até a faculdade e lembrou do que sua turma fizera. Lá encontrou outros colegas como Pedrinho e Aninha.

— Olhem! — disse ele., aqui no meio do pátio essa árvore nasceu, bem onde enterramos o pedaço da régua.

Ela cresceu, cresceu, abriu galhos largos e se transformou em um flamboyant enorme. Quando a árvore começou a dar frutos, as pessoas perceberam algo curioso.



— Esses frutos parecem... réguas! — comentou alguém.

Mas o que torna essa história ainda mais curiosa é o lugar onde ele está hoje. Justamente ali, bem em frente às salas do curso de Pedagogia. Dizem que não é por acaso.

Todos os anos, quando chega o tempo certo, o flamboyant se enche de flores vermelhas e bonitas, cobrindo tudo de cor. E muitos acreditam que isso é um lembrete silencioso: de que a educação mudou, de que ensinar não precisa nascer do medo.

Assim, enquanto seus frutos lembram antigas réguas, suas flores contam outra história, a de que aprender pode florescer com cuidado, paciência e alegria.

E quem passa por ali hoje, estudando para se tornar professor, talvez nem perceba..., mas aquele velho flamboyant continua observando tudo, guardando em silêncio a lembrança de como a educação também pode crescer e se transformar.